

## A RELAÇÃO ENTRE *LOGOS* E ANTI-INTELLECTUALISMO NA FILOSOFIA CÍNICA

---

Brenner Brunetto Oliveira Silveira<sup>1</sup>

Rafael Rodrigues Pereira<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente artigo tem como proposta analisar uma problemática que envolve a filosofia cínica, pois sabemos que o cinismo, segundo nos conta Diógenes Laércio, foi uma escola filosófica que tinha como base essencial a prática da ética, isto é, eles eram anti-intelectualistas e, conseqüentemente, negligenciaram os chamados “estudos acadêmicos”. No entanto, temos relatos de que vários cínicos foram bons oradores e/ou escritores, ou seja, há aqui, aparentemente, um paradoxo envolvendo os cães, pois ao mesmo tempo em que eles, supostamente, negligenciaram tais estudos eles o fizeram brilhantemente. Deste modo, nosso trabalho pretende investigar a função do *logos* na filosofia cínica. O *logos*, aqui em questão, é entendido em três formas de representação, a saber: como razão, escrita e fala.

**Palavras-chave:** Cinismo. *Logos*. Anti-intelectualismo. Razão. Escrita. Fala.

### ABSTRACT

This article aims to analyze a problem involving cynical philosophy, as we know that Cynicism, according to Diogenes Laertius, was a philosophical school that had as an essential base the practice of ethics, that is, they were anti-intellectualists and, consequently, neglected the so-called “academic studies”. However, we have reports that several cynics were good speakers and / or writers, that is, there is here, apparently, a paradox involving dogs, because while they supposedly neglected such studies they did so brilliantly. In this way, our work aims to investigate the role of *logos* in Cynical Philosophy. The *logos*, in question, is understood in three forms of representation, namely: as reason, writing and speaking.

**Keywords:** Cynicism. *Logos*. Anti-intellectualism. Reason. Writing. Speech.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Filosofia da Universidade Federal de Goiás. Bolsista CAPES. Pesquisa atualmente a filosofia ética de Antístenes e suas ligações com o Movimento Sofista, com Sócrates e, sobretudo, com a fundação do Cinismo. Membro do Pórtico de Epicteto e da Lanterna de Diógenes.

E-mail: [brenner.tev@hotmail.com](mailto:brenner.tev@hotmail.com). ORCID: [0000-0003-3696-2060](https://orcid.org/0000-0003-3696-2060).

<sup>2</sup> Doutor em Filosofia. Professor adjunto do departamento de filosofia da UFG.

E-mail: [rafaelrp@ufg.br](mailto:rafaelrp@ufg.br). ORCID: [0000-0003-2361-506X](https://orcid.org/0000-0003-2361-506X).

### Introdução<sup>3</sup>

O cinismo foi um dos movimentos filosóficos mais extravagantes do período helenístico.<sup>4</sup> Conhecidos por darem “o tom mais alto”<sup>5</sup>, esses filósofos se tornaram bastante conhecidos no mundo antigo por serem *antinomianos*, pois como sabemos, a “doutrina” cínica se inicia com o embate entre νόμος e φύσις. Para estes filósofos, o νόμος simboliza tudo aquilo que é artificial e, conseqüentemente, não-necessário para a vida humana. Desse modo, o νόμος poderia ser visto como os costumes e/ou as leis de um povo ou de uma nação.

Esse modo de vida artificial era visto, pelos antigos cínicos, como o fator responsável pelo sofrimento humano, pois tal vida gera τῦφος<sup>6</sup> (literalmente fumaça) no λόγος do homem, ou seja, em sua racionalidade. Essa fumaça, ao embaçar a razão humana, era a causadora da infelicidade de todos. Com isso, o cínico conclui que os homens buscam cada vez mais maneiras de se sentirem menos necessitados, e, conseqüentemente, criam mais e mais

---

<sup>3</sup> Uma versão preliminar deste texto foi apresentada oralmente sob o título “O Papel do *Logos* Escrito e/ou Falado na *Paideia* Cínica”, durante o “XI Seminário Interno do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFG”, promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Goiás, realizado em Goiânia, entre os dias 16 e 18 de outubro de 2019. Posteriormente houve um desenvolvimento do texto no qual resultou em uma nova apresentação intitulada “The Function of Written and Spoken *Logos* in the Cynical *Paideia*”, durante o “VII Seminário Viva Vox”, promovido pela Universidade Federal de Sergipe, realizado entre os dias 16 e 18 de dezembro de 2019 em Guarapari. Agradeço profundamente à Profa. e Dra. Kelli Rudolph, da Universidade de Kent e ao Prof. e Dr. Aldo Dinucci, da Universidade Federal de Sergipe, cujos questionamentos, apontamentos e direcionamentos tornaram possível a finalização deste texto. Agradecimento especial também ao Prof. e Dr. William D. Desmond da Universidade de Maynooth por ter-me fornecido valiosas informações e direcionamentos, através de trocas de e-mails, para minha pesquisa sobre o cinismo antigo.

<sup>4</sup> Para mais informações sobre as “extravagâncias” dos cínicos cf. o Livro VI das *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres* de Diógenes Laércio – sobretudo o capítulo 2 em que o mesmo retrata a vida de Diógenes de Sínope, o “Cão”. Cf. também o excelente artigo de Krueger intitulado *O Indecente e a sociedade. O despudor de Diógenes na cultura imperial romana*, em Cazé e Branham (Orgs.), *Os Cínicos*, págs. 245-264.

<sup>5</sup> Cf. D.L. VI. 35, onde Diógenes de Sínope utiliza a metáfora do tom mais alto. Na metáfora em questão, o Cão nos diz que ele faz com as pessoas a mesma coisa que os instrutores do coro fazem, a saber: eles dão o tom mais alto para que seus alunos possam alcançar o tom certo. Ou seja, a ideia presente na metáfora é que Diógenes apresenta um tom mais alto, isto é, extremamente extravagante, para que as pessoas possam tornar-se mais disciplinadas, para que elas alcancem o tom. Deste modo, poder-se-ia concluir que Diógenes não quer que as pessoas imitem suas extravagâncias, mas antes, que elas busquem a melhor forma de se tornarem, no máximo possível, autossuficientes, livres e felizes.

<sup>6</sup> Para maiores informações acerca do sentido de τῦφος no cinismo cf. o artigo do professor Olimar Flores Júnior intitulado “Nota sobre o sentido de *typhos* na tradição cínica”, in: MENDES, E. A. M.; OLIVERIA, P. M.; BENN-IBLER, V. *Revisitações: edição comemorativa dos 30 anos da Faculdade de Letras/UFMG*. Belo Horizonte: UFMG/FALE, 1999b, p. 421-429.

formas artificiais de se sentirem melhores e mais confortáveis. Não obstante, eles não percebem que tais artificialidades nunca conseguem saciar *de facto* esse ímpeto infinito, fazendo com que o homem procure sempre a felicidade onde ela não está, nunca esteve e nunca estará.

Ao invés de toda esta artimanha, os cínicos frequentemente afirmavam que “os deuses haviam concedido aos homens meios fáceis de vida, porém os homens perderam de vista esse benefício, pois necessitam de bolos de mel, de unguentos e de coisas semelhantes” (D.L. VI. 44).<sup>7</sup> Por outro lado, apesar de serem declaradamente ἀντί-νόμος,<sup>8</sup> os cínicos fizeram várias coisas que poderiam ser muito bem encaixadas na ideia de νόμος. Pois, Antístenes declara que a “excelência está nas ações e não necessita de muitas palavras e nem de muitos conhecimentos” (D.L. VI. 11), e ele também é conhecido por ter formado uma espécie de escola no Cinosarges, e lá, certa vez, segundo nos relata Diógenes Laércio, ele repreendeu um aluno que estava triste por ter perdido as anotações de suas aulas dizendo que o aluno deveria ter anotado os ensinamentos na alma e não no papel.<sup>9</sup> No entanto ele é apelidado de “o tagarela prolífico”<sup>10</sup> tendo em vista a imensidão de sua obra, com mais de 70 livros lançados. Entre essa obra, estão inúmeros escritos sobre retórica, dialética, linguagem, lógica, ética, interpretação dos poetas, teoria da natureza e afins.<sup>11</sup> O cínico mais famoso, Diógenes de Sínope, também é conhecido por ter vários escritos, incluindo entre sua obra algumas tragédias e também, tal como Platão, uma *República*.<sup>12</sup> Crates de Tebas, discípulo de Diógenes, também escreveu um livro de *Epístolas*<sup>13</sup> e também foi creditado como sendo o responsável pela criação da παίγνιον, estilo este conhecido por ter temas com títulos engraçados.<sup>14</sup> Já o cunhado e pupilo de

<sup>7</sup> As traduções de D.L. foram em sua maioria retiradas das traduções de Kury (em português) e Hicks (em inglês). Em alguns poucos casos, foram mantidos alguns termos-chave em grego e, em outros casos, houve pequenas alterações de alguns termos.

<sup>8</sup> Literalmente: contra (ἀντί) os costumes e/ou as leis (νόμος).

<sup>9</sup> Cf. D.L. VI. 6.

<sup>10</sup> Cf. D.L. VI. 18, onde Diógenes Laércio nos diz que o apelido foi feito por Tímon (provavelmente Tímon de Fliunte, filósofo cético pirrônico, discípulo de Pirro de Élis e famoso por ter escrito poemas satíricos)

<sup>11</sup> Para informações acerca da vasta obra de Antístenes cf. D.L. VI. 15-18.

<sup>12</sup> Cf. D.L. VI. 80, onde Diógenes nos relata alguns problemas acerca da autenticidade das obras do Cão.

<sup>13</sup> Cf. D.L. VI. 98.

<sup>14</sup> Alguns destes títulos são *O Elogio da Sopa de Lentilhas* e *O Diário de Um Devasso* de Crates, a *Comparação da Sopa de Ervilha e a Com a de Lentilha* de Meleagro e também o

Crates, Metrocles, é creditado como sendo o responsável por ser o primeiro a coletar e publicar as famosas χρεῖαι cínicas, tipicamente chamadas de anedotas, onde é colocado um filósofo que faz ou diz alguma coisa engraçada.<sup>15</sup> Um outro cínico famoso, Menipo de Gadara, é creditado como sendo o responsável pela criação de um gênero literário, a sátira menipéia, onde se misturava prosa e música.<sup>16</sup> E Bión de Borístenes,<sup>17</sup> é conhecido por suas δῖατριβαί, estilo este que seria reconhecido tanto por cínicos quanto por estoicos.<sup>18</sup> Todos esses estilos literários tinham um estilo comum, conhecido como σπουδογέλιον, mais conhecido como “sério-cômico”.<sup>19</sup> A ideia por trás de tal nome, parece ser demonstrar que há uma seriedade oculta nos escritos cínicos, por mais engraçadas que elas possam ser.

Quanto à linguagem discursiva, Diógenes Laércio nos informa que o historiador Teopompo elogia Antístenes dizendo que o mesmo era “extremamente capaz, por meio de um discurso agradável conquistar qualquer ouvinte” (D.L. VI. 14). Sabemos também por meio do imperador romano Juliano que Diógenes costumava fazer palestras durante os Jogos (*Or.* 8) e também que o mesmo era extremamente hábil na conversa, podendo fazer réplicas com uma rapidez memorável.<sup>20</sup> Crates também era famoso por sua eloquência, tanto que o mesmo era chamado de “O Abridor de Portas” tendo em vista que os atenienses o chamavam em suas casas para resolver seus problemas domésticos e/ou conjugais.<sup>21</sup> Menipo também era famoso por sua

---

*Elogio de Um Mosquito* de Luciano. Suspeita-se que o *Elogio da Loucura* de Erasmo de Rosterdã tenha influência direta desses escritos cínicos. Para mais informações cf. Desmond, 2008, pág. 243.

<sup>15</sup> A própria *Vida* de Diógenes de Sínope em Diógenes Laércio é um exemplo das χρεῖαι.

<sup>16</sup> A sátira menipéia tornou-se um dos movimentos literários mais difundidos pelos antigos cínicos. Nota-se a influência deste estilo através de escritos como a *Apocolocintose do Divino Cláudio* de Sêneca, no *Satíricon* de Petrônio, no *O Consolo da Filosofia* de Boécio e em vários escritos do poeta e satirista romano Luciano, que inclusive chega a colocar Menipo como título de um de seus diálogos.

<sup>17</sup> Bión é acoplado, por Diógenes Laércio, entre os acadêmicos. Mas tal junção é complicada tendo em vista a vasta educação filosófica que Bión recebeu em sua vida – não à toa, o mesmo foi designado como πολύτροπος, ou seja, um homem versátil. No entanto, sua *Vida*, conforme relatada pelo próprio Laércio, mostra-se autenticamente cínica.

<sup>18</sup> Um grande exemplo desta influência são as famosas δῖατριβαί de Epicteto.

<sup>19</sup> Junção de σπουδαῖος (que pode ser traduzido como “sério”) e γέλιος ou γελοῖος (que significa “cômico” ou “engraçado”).

<sup>20</sup> Cf. D.L. VI. 74.

<sup>21</sup> Para maiores informações acerca de Crates e seu agnome de “O Abridor de Portas” cf. minha contribuição intitulada “O *Pordē* de Crates e a Conversão de Metrocles à Filosofia Cínica”, in: *Prometheus, Journal of Philosophy*, n. 32, 2020, págs. 203-220.

eloquência e o cínico romano Dio de Prusa recebeu o agnome de Crisóstomo<sup>22</sup> devido à sua extrema fluência.

E a lista vai muito mais adiante, pois praticamente todos os cínicos escreveram livros e foram bons oradores. Houve também outras adesões a outros tipos de νόμος por parte dos cínicos, como por exemplo o casamento entre Crates e Hipárquia, o fato de que Diógenes educou e treinou (em um estilo muito próximo ao da παιδεία grega) os filhos de um certo Xeníades e muitos outros exemplos.<sup>23</sup>

Desse modo, a grande questão é: como pode uma filosofia que se diz ser contrária ao νόμος e, conseqüentemente, a favor da φύσις, fazer uso de vários instrumentos artificiais (tais como o discurso falado ou escrito)? O presente texto pretende, na medida do possível, resolver tal dilema.<sup>24</sup> Para que possamos realizar tal empreitada, iremos perseguir dois objetivos: 1) demonstrar que tal “problema” se apresenta à nós por causa da visão que temos dos cães como anti-intelectualistas e primitivistas radicais; e 2) demonstrar que os cínicos permitiam, até certo ponto, o uso do νόμος, ou seja, queremos demonstrar que eles não eram primitivistas radicais.

## 1. O Primitivismo e o Racionalismo Cínico

Para que possamos chegar a uma resposta ao problema, se faz necessário primeiro entendermos melhor o que os antigos cínicos entendiam por natureza (φύσις), ou, mais precisamente, o que eles entendiam por uma vida *conforme a natureza* (κατά φύσιν).

Um estudo relativamente recente sobre este tema foi o realizado por George Boas em seu livro *Essays on Primitivism and Related Ideas in the Middle Ages* em 1948. Tal livro foi resumido em seu artigo sobre o *Primiti-*

---

<sup>22</sup> Literalmente: “boca dourada”.

<sup>23</sup> Porém, tanto o casamento de Crates quanto a abordagem da educação feita por Diógenes não serão analisados no presente artigo, pois, conforme dito no início, iremos nos debruçar tão somente na noção de *lógos* no cinismo.

<sup>24</sup> Somente após a conclusão deste artigo que tomei conhecimento que o Prof. Dr. Olimar Flores Júnior havia meditado e escrito acerca deste mesmo tema em seu artigo intitulado “Paradoxes cyniques: l’activité littéraire d’Antisthène et de Diogène de Sinope”. In: *Nuntius Antiquus*, Belo Horizonte, v. 13, n. 2, 2017, págs. 117-136. No entanto, nossas conclusões são diferentes em alguns aspectos, porém o trabalho de Flores tornou-se parte essencial para algumas correções e para uma finalização mais robusta de minha pesquisa.

vismo no *Dictionary of the History of Ideas* em 1973. Em seu estudo, Boas afirma que:

A revolta dos cínicos foi acima de tudo uma revolta contra o intelecto. O uso da razão pode parecer natural ao homem, pois a maioria dos antigos acreditava que a racionalidade era a *differentia* do homem, a única coisa que o distinguia dos animais. Mas talvez fosse mais fácil seguir os instintos e os apetites do que raciocinar até o fim que se desejava alcançar. Assim, o cínico reprovou qualquer tentativa de substituir o instinto aprendendo. Se alguém não seguisse seus instintos e seus apetites, poderia substituir outra coisa que também faria: intuição, comunicação direta com revelação, desejos momentâneos. E há motivos para acreditar que foi exatamente isso que Diógenes fez. Assim, começaram a circular histórias sobre os cínicos que pareciam obscenos para seus contemporâneos: fazendo “as obras de Deméter e de Afrodite” em público. Se a acusação foi fundada, o cínico *era* obsceno. E se seu programa resultou em tais práticas, seguiu-se que as artes e as ciências eram um mal e deveriam ser descartadas. Quando ele assumiu que o homem primitivo era mais natural que o homem civilizado, voltou-se para o primitivismo cronológico e atribuiu aos nossos ancestrais primordiais apenas aquelas formas de comportamento que não eram baseadas no aprendizado, ou, como ele teria dito, na arte. Os desejos naturais são então definidos como aqueles que podem ser gratificados por todos os homens, independentemente de seu estado civilizatório: o universal, o biologicamente irreprimível, o primário. Portanto, a vergonha e a modéstia devem ser reprimidas, como Arato havia dito que a Raça de Ferro os reprimira, pois obstruem a satisfação de nossos impulsos fundamentais. O cinismo era a forma mais extrema de primitivismo cultural (BOAS, 1973, p. 585, tradução nossa).<sup>25</sup>

---

<sup>25</sup> “The revolt of the Cynic was above all a revolt against the intellect. The use of reason might seem to be natural to man in that most of the ancients believed rationality to be man's *differentia*, the one thing that distinguished him from the animals. But it was perhaps easier to follow one's instincts and appetites than to reason to what ends one wished to attain. So the Cynic deprecated any attempt to supersede instinct by learning. If one did not follow one's instincts and appetites, one could substitute something else which would do just as well: intuition, direct communication with revelation, momentary desires. And there are grounds for believing that this is precisely what Diogenes did. Hence stories began to circulate about the Cynics that seemed obscene to their contemporaries: doing "the works of Demeter and Aphrodite" in public. If the charge was founded, the Cynic was obscene. And if his program eventuated in such practices, it followed that the arts and sciences were an evil and should be discarded. When he assumed that primeval man was more natural than civilized man, he turned to chronological primitivism and attributed to our primordial ancestors only those forms of behavior which were not based on learning, or, as he would have said, on art. The natural desires are then defined as those which can be gratified by all men regardless of their state of civilization: the universal, the biologically irrepressible, the primary. Hence shame and modesty must be repressed, as Aratus had said the Iron Race had repressed them, for they obstruct the satisfaction of our fundamental drives. Cynicism was the most extreme form of cultural primitivism.”

Segundo Navia, Boas chega à conclusão de que “os cínicos defendiam uma vida de primitivismo e de bestialidade que converteria a humanidade em uma espécie de animal.” (NAVIA, 2001, p. 100, tradução nossa).<sup>26</sup>

No entanto, não se pode entender a visão dos cínicos como uma visão ultra-primitivista. De fato, os cínicos eram primitivistas e também anti-intelectualistas, mas eles não eram *anti-racionalistas*.<sup>27</sup> Pois são várias as anedotas em que eles assumem a primazia da razão, como por exemplo quando Antístenes disse para “um jovem do Ponto que desejava frequentar-lhe a escola e perguntava quais os requisitos, sua resposta foi ‘Um livro novo, uma pena nova e uma plaqueta nova’, querendo enfatizar o νόος’.” (D.L. VI. 3), ou quando Diógenes disse que “na vida necessitamos do λόγος ou então de uma corda para nos enforcarmos” (D.L. VI. 24) e também quando ele disse que “à τύχη podia se opor ao θάρσος, o νόμος a φύσις, o πάθος ao λόγος” (D.L. VI. 38). Ou seja, com isso percebemos que o λόγος como razão (ou o νόος como mente ou inteligência) era um conceito central na doutrina cínica, independentemente de seu primitivismo e de seu anti-intelectualismo, pois os cínicos entendem que o λόγος como razão faz parte da φύσις do homem.

Por outro lado, até o momento isso é insuficiente para demonstrar a importância do λόγος escrito e/ou falado, pois um adversário poderia objetar dizendo que o λόγος como razão pode fazer parte da φύσις do homem, porém o λόγος escrito ou o λόγος discursivo são artifícios criados pelos homens comuns, ou pelos retóricos, ou até mesmo pelos filósofos. Podemos usar como exemplo a quantidade inumerável de línguas criadas pelos homens, ou a quantidade de técnicas criadas pelos retóricos e pelos oradores para seus discursos, ou a quantidade de estilos criados pelos filósofos, tendo em vista que uns se manifestavam através de poesias,<sup>28</sup> outros através de aforismos obscuros,<sup>29</sup> outros através de diálogos socráticos,<sup>30</sup> outros através

<sup>26</sup> “The Cynics advocated a life of primitivism and bestiality that would convert humanity into an animal species.”

<sup>27</sup> Para maiores informações e detalhes acerca do anti-intelectualismo cínico cf. o brilhante artigo de Meilland (artigo este que tive a honra de participar como co-tradutor) intitulado “O Anti-intelectualismo de Diógenes, o Cínico”, in: Prometheus: Journal of Philosophy, n. 29, Janeiro-Abril, 2019, págs. 53-72.

<sup>28</sup> Como Parmênides de Eleia.

<sup>29</sup> Como Heráclito de Éfeso.

<sup>30</sup> Como Platão, Xenofonte, Antístenes e os demais socráticos.

de tratados sistemáticos.<sup>31</sup> Desse modo, ambos os λόγοι cairiam numa espécie de *convenção* e, por sua vez, seriam contrários à natureza humana e, conseqüentemente, seriam ruins e prejudiciais.

## 2. O Uso do *Nómos*

Com isso chegamos ao nosso segundo objetivo, a saber: acerca do uso do νόμος por parte dos cínicos. Este segundo ponto servirá também de suplemento ao primeiro ponto abordado, pois ele reafirma que os cínicos não eram anti-racionalistas e nem ultra-primitivistas, mesmo sendo anti-intelectualistas, primitivistas e antinomianos.

Conforme citado anteriormente, Diógenes de Sínope disse que os deuses nos haviam concedidos meios fáceis de vida, porém nós perdemos de vista este benefício por querermos bolos de mel, unguentos e coisas semelhantes.<sup>32</sup> Por outro lado quando “lhe perguntaram se os sábios comem bolos ele respondeu: ‘De todas as espécies, com o resto dos homens’.” (D.L. VI. 56). Ou seja, o mal não é o bolo em si (que é uma criação humana), o mal está nos homens que são acometidos pela *gula*, os homens que não conseguem viver sem as delícias gastronômicas criadas pelos homens, tais homens não vivem uma vida de acordo com a natureza, pois conforme Desmond a vida do guloso “é a vida de uma vaca, ou do ganancioso [citado na *Ética a Nicômaco* de Aristóteles] que rezava para ter um pescoço como o de uma garça, de modo a apreciar a descida longa e deliciosa da comida pela garganta” (2006, p. 65, tradução nossa).<sup>33</sup> Tais homens não conseguiriam viver sem tais prazeres, o cínico, por outro lado, despreza tais aperitivos, mas isso não significa que ele irá rejeitá-los quando estiverem a sua disposição, pois conforme o próprio Diógenes disse quando lhe foi perguntado qual era o melhor vinho, o mesmo respondeu que era “o vinho alheio” (D.L. VI. 54), ou seja, o melhor vinho é aquele que pode ser obtido de forma fácil, que não é necessário πόνος<sup>34</sup> para consegui-lo, pois todo os πόνοι dos homens devem ser direcionados para a obtenção da ἀρετή, ou seja, da virtude. Sabemos

<sup>31</sup> Como os escritos esotéricos de Aristóteles.

<sup>32</sup> Cf. D.L. VI. 44.

<sup>33</sup> “Is the life of a cow, or of the gourmand who prayed to have a neck like a crane's, so as to enjoy the food's long, delicious descent down the throat.”

<sup>34</sup> Literalmente: “esforço” ou “labuta” ou “trabalho”.

também que quando Diógenes foi censurado por estar bebendo em uma taberna ele respondeu: “Também corto o cabelo na barbearia” (D.L.VI. 66).

Existem três relatos que conseguem ilustrar bem nossos propósitos. O primeiro é contado pelo historiador Estrabão acerca do filósofo Onesícrito de Astipaleia. Tal relato se dá quando o cínico e comandante da frota de Alexandre, o Grande fora designado para conversar com os famosos gimnosofistas<sup>35</sup> indianos. Conversando com eles, Onesícrito foi surpreendido pelo ultra-primitivismo deles, pois ele percebera que os mesmos andavam nus, não conviviam com a civilização local, passavam o dia meditando, bebiam apenas água do rio e comiam somente o que crescia do solo. Um dos gimnosofistas, de nome Mandanis, perguntou para Onesícrito quem eram os sábios que os helenos admiravam e o motivo de tal admiração. Onesícrito respondeu com os nomes de Pitágoras, Sócrates e Diógenes e lhe disse que um dos motivos principais de tal admiração era a devido à αὐταρκεία que eles apresentaram em suas vidas. No entanto, Mandanis ri de modo sarcástico para Onesícrito e responde-lhe que “embora em todos os outros aspectos, ele pensasse que eles pareciam homens sábios, ainda assim eles cometeram um erro ao colocar o νόμος antes da φύσις.” (ESTRABÃO, 15.1.64-5 *apud* DESMOND, 2006, p. 32, tradução nossa).<sup>36</sup> Aqui notamos, a diferença entre um ultra-primitivismo e ultra-antinomianismo dos gimnosofistas contra um primitivismo e um antinomianismo não tão radical dos cínicos.

O segundo relato que também pode salientar nosso ponto é do escritor cristão Taciano. O mesmo, em sua obra intitulada *Aos Gregos*, ironiza a αὐταρκεία cínica dizendo que um cínico jamais pode ser completamente autossuficiente, pois “ele precisa do coureiro para fazer sua sacola, do carpinteiro para fazer seu bastão e do tecelão para fazer seu manto” (*Ad. Gr.* 25, *apud* DESMOND, 2006, p. 178). Taciano se refere aqui ao famoso “uniforme cínico”, composto de três itens indispensáveis para um cão, a saber: 1) τρίβων: o manto único dobrado, ao invés do tradicional manto grego que era composto por duas peças uma sobrepondo a outra; 2) βακτηρον: o bastão cínico, utilizado para caminhadas e às vezes para bater nos discípulos e nos

<sup>35</sup> Literalmente: sábios nus.

<sup>36</sup> Pequena variação no texto é nossa. O texto diz: “[...] while in all other respects he thought they seemed wise men, yet that they had made an error in placing law (*nomos*) before nature (*physis*).”

transeuntes e; 3) πήρα: a famosa sacola cínica, na qual o mesmo poderia carregar algumas sementes, um pouco de água, alguns utensílios de higiene pessoal e, às vezes, um livro. Ambos componentes do uniforme cínico são construídos por mãos humanas, ou seja, não são gerados pela natureza, mas mesmo assim o cínico utiliza para si, mostrando assim que ele não consegue ser tão autossuficiente quanto deseja. No entanto, tal ironia por parte de Taciano se mostra infundada, pois conforme analisado acima, os cínicos não eram ultra-primitivistas e também eles eram cientes de que a αὐταρκεία não era absoluta, pois o próprio Diógenes “costumava dizer que era privilégio dos deuses não sentir necessidade de coisa alguma, e dos homens semelhantes aos deuses necessitar de pouco” (D.L. VI. 104). Desse modo, para os cínicos, somente os deuses são autossuficientes, ou seja, nem mesmo o sábio é completamente autárquico. Ou seja, se nem o sábio é completamente autárquico, o homem comum o será muito menos e, conseqüentemente, ele precisará de algumas coisas criadas pelos outros para que possa viver.

O terceiro e último relato nos foi legado pelo próprio Diógenes Laércio. Ele nos diz que:

Sempre que [Diógenes] via na vida pilotos, médicos e filósofos costumava definir o homem como o mais inteligente dos animais; entretanto, quando via intérpretes de sonhos, adivinhos e pessoas que prestavam atenção a indivíduos cheios de arrogância ou de riqueza, pensava que não havia animal mais estulto. Diógenes dizia constantemente que na vida necessitamos da razão ou de uma corda para nos enforcarmos. (D.L. VI. 24)

Ou seja, o *lócus* de Diógenes é o *logos*. Sabemos que a arte da medicina, a arte da pilotagem não existem *per se*, mas Diógenes vê tais profissões como realmente belas e de grande valor, pois elas contribuem para o aprimoramento do *logos* humano. Por outro lado, falsas profissões como as da adivinhação e semelhantes, são farsas criadas pelos homens gananciosos que procuram dinheiro e fama, elas apenas geram τύφος na mente humana.

Deste modo, podemos inferir que o cínico não rejeita a razão, os livros e as palestras. Mas antes, a ação é a mais-valia dos cínicos, no entanto, ela deve ser sempre embasada na razão, ou seja, no λόγος, porém em um λόγος simples e não altamente sofisticado, isto é, um λόγος racionalista e, ao mesmo tempo, anti-intelectualista.

Desmond, em uma passagem extremamente memorável elucidada-nos de forma extremamente brilhante tal noção, ele diz:

As ações falam mais alto do que as palavras: assobiando para a multidão, comendo feijão ruidosamente, peidando, arrotando, urinando, defecando em público, se masturbando, rolando na areia, abraçando estátuas de neve, carregando um atum ou uma tigela de sopa em um mercado lotado, dormindo em um *pithos*, carregando uma lanterna ao meio-dia, e inúmeras outras contorções, reviravoltas e formas: tudo isso em voz alta trombeta a liberdade descarada e o antinomianismo dos cínicos. [...] No entanto, os cínicos antigos, embora possam ter desconfiado do *logos* como razão sistemática, não desconfiavam da linguagem *per se*. (DESMOND, 2006, p. 122-123, tradução nossa)<sup>37</sup>

E também:

Acima de tudo, os cínicos às vezes inovavam regredindo: isto é, simplificando, descartando o jargão, os arcaísmos e qualquer linguagem especializada que pudesse manter a “multidão” fora do templo da filosofia. Eles eram a favor da linguagem clara: o *parrhēsiasta* fala claramente e ele fala a verdade, partindo do princípio de que a linguagem técnica é muitas vezes uma espécie de *typhos*. No início do período helenístico, a filosofia estava se tornando técnica em alguns setores. Os peripatéticos e os estoicos ergueram especialmente muros linguísticos que excluíam bastante o estrangeiro: para estar “dentro”, era preciso estar à vontade para falar sobre substâncias, acidentes, enteléquias e palavras; era preciso saber como transformar as ideias em julgamentos, silogismos e outras formas lógicas. Para os cínicos, esse tipo de “educação” deve ser renunciada. Não é apenas uma distração de preocupações éticas; pior ainda, a fala abstrata frequentemente se torna uma fala complicada - não se sabe do que se está falando e, falando mais, só se torna mais confuso. Ou pior, nem se sabe que está confuso e se confundindo. A melhor cura para esse *typhos* é falar com simplicidade. (DESMOND, 2006, p. 127, tradução nossa)<sup>38</sup>

<sup>37</sup> “Actions speak louder than words: whistling to the crowd, eating beans noisily, farting, belching, urinating, defecating in public, masturbating, rolling about in the sand, embracing snowy statues, carrying a tuna or bowl of soup across a crowded marketplace, sleeping in a *pithos*, carrying a lantern around at noon, and innumerable other contortions, twists and shapes: all these loudly trumpet the brazen freedom and antinomianism of the Cynics. [...] Yet the ancient Cynics, although they may have distrusted *logos* as systematic reason, did not distrust language *per se*.”

<sup>38</sup> “Most of all, the Cynics sometimes innovated by regressing: that is, by simplifying, scrapping jargon, archaisms and any specialized language that might keep the “mob” out of the temple of philosophy. They favoured plain speech: the *parrhēsiast* speaks plainly and he speaks true, on the assumption that technical language is too oft en a sort of *typhos*: mumbo jumbo to conceal ignorance and falsehoods. In the early Hellenistic period, philosophy was becoming technical in some quarters. Peripatetics and Stoics especially raised linguistic walls that fairly excluded the outsider: to be “in”, one needed to be comfortable talking about substances, accidents, entelechies and sayables; one had to know how to bend one’s ideas into judgements, syllogisms and other logical forms. For the Cynics, this kind of “education” is to be renounced. Not only is it a distraction from ethical concerns; worse, abstract speech too oft en becomes convoluted speech – one does not know what one is

Ou seja, para os cães, os ἔργα valem muito mais do que simples palavras, pois as palavras podem ser escritas e tais escritos podem ser molhados, queimados, ou, ainda pior, *não compreendidos*. Já as palavras faladas podem ser ditas, mas podem acabar não sendo ouvidas, ou, até mesmo, *mal compreendidas*. Somente os ἔργα possuem a primazia de serem mais compreendidos, de serem vistos, e, melhor ainda, de mudar alguma coisa neste mundo. Mas é claro que tais ἔργα possuem como centro gravitacional o λόγος – enquanto racionalidade.

### Conclusão

Com tudo o que analisamos, podemos concluir que para os cínicos, o λόγος como razão faz parte da φύσις dos homens, ou seja, a racionalidade é algo inerente ao ser humano, porém ela não pode ser extrapolada, pois o que vai determinar a felicidade do ser humano é o uso da racionalidade visando fins simples e não complexos. Por este motivo a εὐτέλεια, ou seja, a frugalidade (ou simplicidade) será parte componente essencial da virtude cínica. Um exemplo de uso imoderado da racionalidade humana – segundo os cínicos – é a filosofia pregada por Platão, pois, para nossos *canes*, as construções metafísicas do mais famoso pupilo de Sócrates são pura perda de tempo<sup>39</sup> e não ajudam em nada na busca da virtude e da felicidade. Pode-se dizer que, para a matilha, Platão, e, conseqüentemente, vários outros filósofos, continuam presos e acorrentados na caverna, ou melhor, eles saíram da caverna, mas, devido a seus pensamentos e suas construções intelectuais, acabaram saindo da órbita terrestre, ficando com seus pés o mais longe possível da Terra. É provável que para os cínicos, Platão tenha saído da caverna e voado o mais longe possível de nosso planeta, alcançando assim, possivelmente, o próprio Sol e tenha se queimado nele. Já o λόγος escrito e falado é importante mas, “a linguagem corporal é a melhor maneira de escapar da hegemonia do *logos*, da ciência, das grandes narrativas e de todas as ideolo-

---

talking about, and by talking further, one only makes oneself more confused. Or even worse, one does not even know that one is confused and confusing. The best cure for this *typhos* is to speak simply.”

<sup>39</sup> Cf. D.L. VI. 24 onde Diógenes – fazendo um trocadilho - diz que a διατριβή de Platão era κατατριβή, ou seja, pura perda de tempo.

gias autojustificativas.” (DESMOND, 2006, p. 123, tradução nossa),<sup>40</sup> ou seja, “a vida do cínico foi o principal livro de ética que ele legou à posteridade. Assim, Diógenes ensinou pelo exemplo de suas palavras e de suas ações.” (NAVIA, 1996, p. 91, tradução nossa).<sup>41</sup> E o próprio “Antístenes, quando perguntado por alguém o que ele deveria ensinar a seu filho, disse: ‘Se ele vai viver com os deuses, [a ser] um filósofo, mas se com os homens, [a ser] um retórico’.” (D.C. 173).<sup>42</sup> Ou seja, Antístenes nota aqui a importância dos estudos de retórica para a vida cotidiana, no entanto, ela não é mais importante que a vida filosófica. Mas, por outro lado, quando Diógenes Laércio nos diz que os cínicos “renunciam também do currículo as artes liberais. De fato Antístenes costumava dizer que aqueles que são sábios ou são em mente não deveriam aprender letras, para não se distrair com os pensamentos de outras pessoas” (D.L. VI. 103) ele não quer dizer que eles reprovam completamente os estudos liberais, pelo contrário, eles reprovam a primazia de tais artes na formação educacional de uma pessoa.<sup>43</sup> Com isso podemos concluir que “o cínico não é um inimigo da cultura [...], e muito

<sup>40</sup> “[...] bodily language is the best way to escape the hegemony of *logos*, science, grand narratives and all selfjustifying ideologies.”

<sup>41</sup> “The Cynic's life was the main textbook of ethics that he bequeathed to posterity. Thus, Diogenes taught by the example of his words and actions.”

<sup>42</sup> Αντισθένης ἐρωτηθεὶς ὑπὸ τινος, τί διδάξει τὸν υἱόν, εἶπεν, “Εἰ μὲν θεοῖς μέλλει συμβιοῦν, φιλόσοφον, εἰ δὲ ἀνθρώποις, ῥήτορα.”

<sup>43</sup> Susan Prince (2015, p. 544) interpreta tal passagem como uma recusa de Antístenes à alfabetização, vendo assim um conflito entre tal passagem e a vida e obra de Antístenes. No entanto, conforme dissemos anteriormente, não devemos tomar tal passagem como uma recusa total da *paideia* grega. Conforme Flores-Júnior (2017, pág. 133) tal passagem “On ne saurait le prendre comme l’expression d’un refus pur et simple. Il s’agit, bien au contraire, de redonner un sens plus profond aux produits et aux instruments de la *paideia* – les *grammata* au premier chef – de façon à ce que la sagesse que cette *paideia* est sensée produire ne devienne lettre morte dans les livres, mais qu’elle soit actualisée dans la vie même du philosophe. Aux yeux des cyniques, l’éducation humaine, avec son large répertoire de disciplines spécifiques – la géométrie et la musique sont les exemples que Diogène donne dans ce passage – n’est pas en soi inutile, pourvu qu’elle soit mise à l’épreuve par un autre type d’éducation, celle que Diogène appelait «divine» (δαμόνιος) qui est, elle, fondée sur le courage et sur la grandeur d’âme. Ce courage «divin» va donc permettre, d’une certaine façon, d’éroder les disciplines de la *paideia* traditionnelle pour trouver ce qui en elles relève vraiment de l’acquisition de la vertu.” (“não pode ser tomada como uma expressão de recusa total. Pelo contrário, é uma questão de dar um significado mais profundo aos produtos e aos instrumentos da *paideia* – aos *grammata* em primeiro lugar - para que a sabedoria que essa *paideia* deva produzir não se torne uma letra morta nos livros, mas que seja atualizada na própria vida do filósofo. Aos olhos dos cínicos, a educação humana, com seu amplo repertório de disciplinas específicas - geometria e música são os exemplos que Diógenes dá nesta passagem - não é em si mesma inútil, desde que testada por outro tipo de educação, a que Diógenes chamou de “divina” (δαμόνιος), que é baseada na coragem e na grandeza da alma. Essa coragem “divina” permitirá, de certo modo, corroer as disciplinas da *paideia* tradicional para encontrar o que realmente está nelas a aquisição da virtude.”).

menos da literatura, seja para ler ou escrever, mas que lança antes da escrita uma forma radical de pragmatismo” (FLORES-JÚNIOR, 2017, p. 133, tradução nossa).<sup>44</sup> Por este motivo, a ação, ou melhor, o λόγος como ἔργον é a melhor maneira de um cínico se expressar, tendo em vista que ele não pode apenas latir em textos e em palestras, pois como diz o ditado popular: “cão que ladra não morde”, ou seja, ele precisa morder seus ouvintes, seus alunos e os transeuntes da ágora para conseguir resultados práticos, ou nas palavras de Meiland (2019, p.71): “este trabalho [do cínico] tem pelo menos o mérito de conduzir a uma simples ação diária, que pode aborrecer, mas será mais valiosa do que o habitual!”

### Referências

BOAS, G. (1948). *Essays on Primitivism and Related Ideas in the Middle Ages*. New York: Octagon Books.

BRUNETTO, B.O.S. (2020). “O Pordē de Crates e a Conversão de Metrocles à Filosofia Cínica”. In: *Prometheus, Journal of Philosophy*, n. 32, p. 203-220.

CAIZZI, F. D. (). *Antisthenis Fragmenta*. Milano: Istituto Editoriale Cisalpino, 1966.

DESMOND, W. (2006). *The Greek Praise of Poverty: Origins of Ancient Cynicism*. South Bend: University of Notre Dame Press.

DESMOND, W. *Cynics*. (2008). Berkeley: Acumen Press & University of California Press.

DIOGENES LAERTIUS. (1991). *Lives of Eminent Philosophers*. Trad. R. D. Hicks. Cambridge: Harvard University Press. Vol. 1.

DIOGENES LAERTIUS. (1991). *Lives of Eminent Philosophers*. Trad. R. D. Hicks. Cambridge: Harvard University Press, Vol. 2.

DIOGENES LAERTIUS. (2013). *Lives of Eminent Philosophers*. Ed: Tiziano Dorandi. Cambridge: Cambridge University Press.

DIOGENES LAERTIUS. (2014). *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*. Trad: Mário da Gama Kury. Brasília: Editora UnB.

---

<sup>44</sup> “[...] le cynique n’est pas un ennemi de la culture [...], encore moins de la littérature, que ce soit pour la lire ou pour l’écrire, mais qu’il lance avant la lettre une forme radicale de pragmatisme”

DUDLEY, D.R. (1937). *A History of Cynicism. From Diogenes to the 6<sup>th</sup> Century A.D.* London, Methuen & Co. Ltd.

GOULET-CAZÉ, M-O. e GOULET, R. (1993). *Le Cynisme Ancien et Ses Prolongements*. Paris: Presses Universitaires de France.

GOULET-CAZÉ, M-O. e BRANHAM, R.B. (2007). *Os Cínicos. O Movimento Cínico na Antiguidade e seu Cegado*. São Paulo: Edições Loyola.

HARD, R. (2012). *Diogenes, the Cynic. Sayings and Anecdotes. With Other Popular Moralists*. New York: Oxford University Press.

KRUEGER, D. (1993). “O Indecente e a sociedade. O despudor de Diógenes na cultura imperial romana.” In: GOULET-CAZÉ, M-O. e GOULET, R. *Le Cynisme Ancien et Ses Prolongements*. Paris: Presses Universitaires de France, p. 245-264.

FLORES-JÚNIOR, O. (1999b). “Nota sobre o sentido de *typhos* na tradição cínica”. In: MENDES, E. A. M.; OLIVERIA, P. M.; BENN-IBLER, V. *Revisitações: edição comemorativa dos 30 anos da Faculdade de Letras/UFMG*. Belo Horizonte: UFMG/FALE, p. 421-429.

FLORES-JÚNIOR, O. (2017). “Paradoxes cyniques: l’activité littéraire d’Antisthène et de Diogène de Sinope”. In: *Nuntius Antiquus*, Belo Horizonte, v. 13, n. 2, p. 117-136.

MEILLAND, J-M. (2019). “O Anti-intelectualismo de Diógenes, o Cínico.” Trad. Brenner Brunetto Oliveira Silveira e George Felipe Bernardes Barbosa Borges. In: *Prometheus: Journal of Philosophy*, n. 29, Janeiro-Abril, p. 53-72.

NAVIA, L.E. (1996). *Classical Cynicism. A Critical Study*. Westport (Connecticut) and London: Greenwood Press.

NAVIA, L.E. *Antisthenes of Athens. Setting the World Aright*. Westport (Connecticut) and London: Greenwood Press, 2001.

NAVIA, L.E. *Diógenes, o Cínico*. Trad. João Miguel Moreira Auto. São Paulo: Editora Odysseus, 2009.

PRINCE, S. *Antisthenes of Athens: Texts, Translations and Commentary*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2015.

WIENER, P.P. *Dictionary of the History of Ideas*. Vol. III. New York: Charles Scribner’s Sons, 1973.